

SARTRE: O EXERCÍCIO DA LIBERDADE

Esse ano comemora-se o centenário de nascimento do filósofo e escritor Jean-Paul Sartre, considerado um dos principais intelectuais franceses, com uma trajetória singular que une filosofia, literatura, teatro e compromisso com as principais questões políticas de seu tempo. A imagem pública de intelectual engajado e freqüentador assíduo dos cafés parisienses mescla-se com o reconhecimento de sua filosofia existencialista e de sua obra literária.

A obra literária de Sartre constitui-se na representação dos seus principais conceitos filosóficos. Nesse sentido, são inseparáveis. Com o intuito de popularizar a sua filosofia através da literatura, as obras literárias de Sartre são relevantes porque conseguem abranger um público maior. Para Sartre, a linguagem deve ser um instrumento que revele possibilidades de transformação da realidade, afirma Luís Antônio Contadori Romano, em sua tese de doutorado sobre a passagem de Sartre pelo Brasil em 1960, defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2000.

BIOGRAFIA Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905. Em 1924, ingressou no curso de filosofia da Escola Normal Superior onde conheceu a fundadora do feminismo

em 1957 e é narrada pelo sobrinho de Juvêncio Gutierrez, um adolescente com a mesma idade que Tabajara Ruas tinha naquele ano. Em determinado trecho, ao folhear o primeiro volume de *O tempo e o vento* e comentar as anotações feitas por seu pai no livro, o narrador revela uma desconfiança sua: “meu pai fruía alguma satisfação escondida ao reconhecer, impressos em letra de fôrma, os sinais do mundo que habitava, ainda novo, buscando identidade, e que Érico Veríssimo soubera detectar e transformar em epopéia”.

FIÇÃO AMAZONENSE Longe do Chuí gaúcho, mas perto do Oiapoque, outro escritor de peso conquistou grande público, mesclando os mesmos elementos. O amazonense Milton Hatoum, filho de um libanês muçulmano casado com uma brasileira cristã, aborda, nos romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), a relação de imigrantes estrangeiros com nativos em Manaus e o convívio pacífico entre pessoas de diferentes culturas e religiões. O primeiro livro foi traduzido para seis idiomas e publicado em oito países, e o segundo, traduzido para oito línguas com publicações em dez países. A atual candência dos conflitos nas relações entre Oriente e Ocidente e dos debates sobre intolerância às diferenças culturais e religiosas em todo o mundo explica, em certa medida, o sucesso internacional de Hatoum.

“Seus romances ambientam-se na Amazônia, mas falam, fundamentalmente, sobre a circulação de uma cultura. Tratam de uma identidade em trânsito, em plena formação”,

diz Vera Lúcia Soares, da Universidade Federal Fluminense, estudiosa da relação entre Oriente e Ocidente em literatura de língua francesa. Em 2001, Vera publicou um artigo em que compara um livro de uma escritora belga, de origem marroquina, com o *Relato de um certo Oriente*, de Hatoum, que integra a coletânea *Imagens do outro: leituras divergentes da alteridade*, editada pela Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia. Segundo a pesquisadora, ambos os livros apontam para a mesma impossibilidade de se pretender construir uma identidade fechada, de raiz única. A diferença é que o romance belga aponta para o fato de a Europa ser mais fechada ao contato com o estrangeiro.

“No caso do Brasil, houve uma mestiçagem na origem da formação da sociedade. Nós não somos uma sociedade branca ocidental. Longe disso. Quando muitos desses imigrantes chegaram, já encontraram uma sociedade mestiça”, afirmou Hatoum, em entrevista à rede de TV alemã *Deutsche Welle*, quando esteve em Frankfurt. “O Brasil é um ‘caldeirão de culturas’, onde se misturam raças, comidas, religiões, com resultados sempre imprevisíveis, o que explica, de certa maneira, a integração relativamente tranqüila dos imigrantes na sociedade brasileira”, concorda Vera. Para a pesquisadora, esse “caldeirão de culturas” está, de certa forma, representado em *Relato de um certo Oriente* pela casa da personagem Emilie, que seria uma espécie de resumo desse Brasil plural.

Rodrigo Cunha

moderno, Simone de Beauvoir. Desde então, nunca mais se separaram. Em 1933, Sartre passou um ano estudando em Berlim, período em que teve contato com as obras de filósofos como Kierkegaard, Husserl, Karl Jaspers e Heidegger, referências importantes para a sua filosofia. De volta à França, Sartre publicou os seus primeiros romances, dentre eles *A náusea* (1938).

EXISTÊNCIA E ENGAJAMENTO Durante a Segunda Guerra Mundial, o filósofo foi convocado a prestar serviços militares, sendo preso pelos alemães em 1940. Permaneceu cerca de um ano num campo de concentração e, conseguindo escapar, retornou a Paris. Em 1943 iniciou a sua colaboração com o movimento de resistência francesa contra a ocupação alemã. Nesse mesmo ano, a primeira peça teatral de Sartre – *As moscas* – é encenada, e o seu primeiro e principal tratado filosófico – *O ser e o nada* – publicado.

A existência precede a essência. Esse é o mais popular e emblemático princípio da filosofia existencialista de Sartre. O homem não possui uma essência dada *a priori*: ele é aquilo que faz no decorrer de sua vida. Nesse sentido, nenhuma determinação, seja da ordem da natureza – como a hereditariedade – seja da ordem metafísica – como Deus – explica o que seja o homem: ele é fruto de um processo marcado pela liberdade de escolha num contexto de possibilidades. O homem constrói a si mesmo por meio do exercício da liberdade.

É preciso lembrar que, para Sartre, a liberdade não é uma faculdade humana abstrata ou puramente espontânea. A liberdade é uma atitude concreta e sempre situada. Cada indivíduo está inserido no mundo no qual pesam sobre ele desde fatores pessoais, como a família e a condição social, até a própria configuração histórica de sua época. A existência depende da conduta

que cada um assume em relação a essas contingências. O homem é inteiramente responsável por aquilo que ele é. E a responsabilidade, pensada como o engajamento no mundo, é um valor inerente à liberdade.

A VISITA AO BRASIL No período pós-guerra, a solidariedade com a luta pela independência da Argélia contra o colonialismo francês e a visão otimista da revolução cubana revelam o interesse de Sartre pelos problemas dos chamados países do Terceiro Mundo. Em agosto de 1960, Sartre e Simone de Beauvoir desembarcam no Brasil, permanecendo no país durante dois meses. A reconstituição do significado dessa visita foi o objetivo da tese de doutorado de Contadori Romano, publicada pela editora Mercado das Letras em parceria com a Fapesp, em 2002. O autor avalia a recepção da obra de Sartre e sua influência na filosofia, na literatura e no teatro brasileiros, assim como a repercussão das posições políticas do filósofo francês no país.

Além de percorrer o itinerário do casal – ciceroneado pelo escritor Jorge Amado – que incluiu palestras em universidades, entrevistas e visitas a uma favela carioca, e a um terreiro de candomblé em Salvador, Romano pesquisa as críticas de intelectuais católicos brasileiros ao ateísmo presente na filosofia sartreana; as implicações de uma literatura popular, proposta por Sartre para o Brasil; e a montagem de suas peças teatrais por grupos como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e o Oficina.

CENTENÁRIO DE SARTRE

A Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, sediará, entre os dias 23 e 26 de agosto, o Seminário Sartre. Para o evento está prevista a realização de várias mesas-redondas, palestras, exibição de filmes e leituras de peças teatrais do filósofo francês tais como *As moscas* dirigida por Enrique Diaz. No seminário, será inaugurada uma exposição de documentos e fotografias intitulada *Nada no bolso ou nas mãos*, frase de

Sartre citada por Caetano Veloso na música *Alegria, alegria*. Organizado pela crítica literária Flora Sussekind e pela editora Izabel Aleixo, o evento será encerrado por uma sessão de depoimentos de algumas personalidades – como o diretor do grupo teatral Oficina, José Celso Martinez Corrêa, e o jornalista Ruy Mesquita –, que estiveram com Sartre durante a sua estada no Brasil em 1960.

Carolina Cantarino